

(Transcrição)

Città Nuova, 25 settembre 1977

É assim que vejo o Papa

**A senhora teve a ocasião de ser recebida várias vezes em Audiência por Paulo VI. Qual foi a impressão mais forte que ficou gravada na lembrança?**

A impressão mais forte foi, certamente, durante a primeira audiência. Tive a nítida sensação de me encontrar diante de uma pessoa que amava num modo todo especial. O Papa pronunciava palavras sábias que superavam todos os obstáculos jurídicos até então vigentes; abarcava, acolhia na sua alma toda a complexa obra que eu lhe apresentava. O Papa em pessoa me encorajou a dizer tudo, porque com ele tudo era possível.

Recordo que senti em perfeita sintonia tudo o que o Papa me dizia e o que me parecia ter vindo de Deus para a edificação desta obra. E a impressão foi tão forte que tive como que a sensação de que aquele escritório, onde o Papa recebe, não tivesse teto e o céu e a terra tivessem se unido.

Se me tivessem levado até ele com os olhos vendados e nunca tivesse ouvido a sua voz, penso que, pouco tempo depois, teria afirmado: «Estou com o Papa».

**Durante esses colóquios, a senhora percebeu qual é a maior motivação que estimula a ação do Papa?**

Certamente, o esforço de se adequar, momento por momento, à sua especial vocação de amar mais do que os outros, tal como Jesus lhe pediu e lhe confere, além do primado como autoridade, do primado da caridade.

O «tu me amas mais do que eles», que Jesus perguntou a Pedro é a preocupação, o esforço contínuo de Paulo VI.

Um dia ele disse que, quem não se contenta, durante as audiências públicas, em ver o espetáculo externo, pode conseguir compreender um segredo que ele encerra. Este segredo, causa de alegria e de preocupação para o Papa, está expresso naquela sílaba “mais”: «tu me amas mais».

No livro “Diálogos com Paulo VI” de Jean Guilton, o Papa afirma que é preciso colocar-se no lugar de um Papa para compreender que esta frase tão breve: «tu me amas mais?», é uma faca que penetra até às articulações dos ossos, dos nervos, dentro da medula.

O Papa se pergunta como se consegue saber que se ama MAIS?

O que conforta nessa angústia - responde - é que é possível amar universalmente, repetir: ninguém me é estranho, ninguém, ainda que separado de mim.

**Na sua opinião, qual é a atitude característica do Padre com as pessoas?**

Paulo VI ama a todos sem medo e por isso cria entre os fiéis ou não uma certa unidade. Ele se doa a todos num modo impressionante. Muitíssimos protestantes, das mais variadas denominações, ficaram impressionados com a atitude do Papa, com o amor que o consome, do fazer-se - como diz o Apóstolo - tudo para todos. Talvez seja por isso que Atenágoras o chamava Paulo II. Os visitantes não católicos têm uma grande estima dele. Paulo VI, de resto, com esta sua atitude revela a linha do seu pontificado. É o Papa do diálogo com o mundo inteiro. É o Papa que vê toda a humanidade potencialmente como uma só família, uma só nação.

Estou convencida de que quem critica o Papa, seria melhor que o visitasse. A sua presença tão sobrenaturalmente calorosa, profundamente humana, próxima de todos, que se esquece de si, humilde realmente como o servo dos servos de Deus, removeria qualquer perplexidade, qualquer dúvida.

**Que resposta a senhora daria a quem julga Paulo VI contraditório e inseguro nas escolhas do seu pontificado? Por exemplo, na “*Humanae vitae*” parece conservador e no diálogo progressista.**

O Papa não deve ser julgado com o metro humano.

Nele como em mais ninguém está presente e age o Espírito Santo.

Ora o Espírito Santo, alma da Igreja, suscita nela várias tensões, que são sinais de vida, como aquela entre pluralismo e verdade, personalidade e socialidade, liberdade e graça, ciência e caridade, primado e colegialidade. Olhando humanamente para o cristianismo e a Igreja, essas tensões podem parecer contradições e paradoxos por vezes desconcertantes. Ao invés, quem vê a Igreja a partir de dentro, vê que o Espírito Santo harmoniza tudo magnificamente, na unidade do Corpo místico.

O mesmo se pode dizer do que o Espírito Santo realiza no Papa.

O Papa, visto com os olhos da verdade e do amor, nunca está em contradição. Ele é fiel ao depósito da Revelação como ninguém e, ao mesmo tempo, ao que o Espírito Santo inspira para o bem da Igreja hoje. Se, por exemplo, na “*Humanae vitae*”, se sente a fidelidade do Papa ao Espírito Santo na Tradição, por usa vez no diálogo com o mundo, se toca na fidelidade do Papa ao Espírito que evidencia os “sinais dos tempos”.

Quanto à incerteza em tomar decisões, observada no Santo Padre, é preciso recordar que a barca de Pedro não conduz a pacífica Igreja triunfante, mas aquela terrena e é golpeada por todos os possíveis ventos deste mundo.

O Papa deve tomar as suas decisões em nome de Cristo que representa, em meio a um concerto massacrante de vozes que empurram quase sempre num sentido contrário ao da religião.

Por isso a prudência nunca é demais.

Paulo VI não é inseguro, como humanamente se entende dizer, mas prudente. Isso é demonstrado pelo fato de que é extremamente corajoso, por exemplo, ao enfrentar a impopularidade para manter a amizade de Cristo e dos seus, que não são do mundo.

Prudência, coragem, amor universal são as mais preciosas qualidades para quem deve governar, servindo a humanidade.

Chiara Lubich